

Transcrição literal das palestras realizadas pelo ancião Parminder na campal da Romênia.

Palestra 2 - Rejeição da Metodologia: Parte 1

A primeira parte não tem vídeo, somente som.

Vamos ver o livro de Mateus. Vamos olhar Mateus 13.

Discutimos entre nós, no intervalo, e as pessoas têm feito algumas perguntas, tem expressado algumas preocupações e um dos pensamentos atuais que chegou até mim é que as pessoas não tem certeza agora sobre como estudar. Elas não tem certeza como podem abordar a inspiração e estão confusas. Eu gostaria de sugerir que este é um problema real, mas não é um problema tão grande como as pessoas podem pensar. Se eu puder expressar o problema dessa forma, como mencionei na nossa conversa no intervalo: se você vai até uma igreja adventista e você lhes pergunta a respeito do Grande Conflito, a sua natureza, a sua estrutura, eles te levariam à história da Bíblia desde o início até o fim, vão te levar a toda a série do Grande Conflito de EW, os seus 5 livros principais, começando com Patriarcas e Profetas e terminando com o Grande Conflito. Se você aceita essa abordagem, você vai do início até o final do Grande Conflito. Nós diríamos de Gênesis à Apocalipse, ou como algumas pessoas expressariam, do Éden ao Éden. Indiferentemente de como definimos isto, quando abordamos o Grande Conflito dessa forma, o que você está fazendo é olhando de uma forma consecutiva; você tem cinco eventos e um acontece após o outro, e isto é uma história de progressão. Então, a razão pela qual esse entendimento se torna importante, é que por muito tempo não éramos capazes de conectar estes pensamentos. De uma certa forma isto parecia aleatório, mas quando você começa a olhar uma linha de forma progressiva, o segredo para o sucesso é ter um tema de conexão que vai percorrer a história. Se você pegar um tema singular e conseguir conectar entre todos estes 5 marcos, então você consegue saber que a sua história, a sua linha está correta. Então, um tema básico seria o início do problema com o pecado e o final do problema com o pecado. Poderíamos dizer que nosso tema seria o problema do pecado. Nesse nível assim é muito fácil, muito simples. O problema é que a história não é tão clara, tão direta, existem muitas outras camadas e por causa destas outras camadas no final poderíamos ter um déficit de entendimento que de outra forma não teríamos. Então, ao invés de ter uma linha de pensamento do problema com o pecado, poderíamos ter um outro tema, a história da igreja ou a história do reino de Satanás. Então agora nós temos três temas, e o que você precisa fazer é ser capaz de conectar estes três marcos diferentes como uma única coisa, um único ponto, mas o que você não deve fazer é misturar esses temas. Você não pode começar a falar sobre a igreja ou o reino de Deus e de repente mudar para o reino de Satanás. E aí voltar novamente para o reino de Deus. Quando você começa a fazer isto, você não tem um ponto de referência. Então, quando começamos a falar sobre progressão é muito fácil cometer um erro, porque tudo que vemos é uma lista de eventos, mas se você não conecta esses eventos juntos como algo consistente, um tema consistente, aí você não tem certeza e segurança de que aquilo que você está fazendo é correto. Essa é a forma que os adventistas abordam.

Então esse movimento chegou e aí nos tornamos muito focados, com uma mente singular, não nesta questão de progressão (porque nisso não estamos interessados), mas começamos a nos fixar através de uma outra forma, de uma outra abordagem da história, e a frase que nós frequentemente usamos é a de Isaías 28:10-13, linha sobre linha. Na verdade, não nos perguntamos o que realmente esses versos querem dizer, mas o que a gente faz é, pegamos essa frase, linha sobre linha e determinamos o que uma linha quer dizer, então dizemos que a linha é uma história e vai de linha sobre linha e história sobre história. Então,

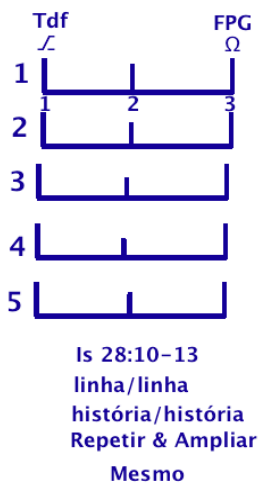
ao invés de desenhar algo assim (mostra no quadro- Fig 1), a gente desenha as histórias dessa forma: todas têm um começo e um final comum (Fig 2). Vamos de Gênesis à Apocalipse. Podemos falar do começo ao fim ou expressar da seguinte forma: alfa e ômega; mas o que acabamos fazendo é pegar este conceito de progressão, nesta grande escala, estas cinco histórias, que nesta escala (Fig 2) é apenas um marco singular, um único marco. Então teríamos estas cinco histórias e começamos a olhá-las de forma mais detalhada. Em resumo, vemos que a primeira história é uma série de eventos em si mesma, neste caso três. Este seria o começo e o fim, que chamamos de Alfa e Ômega. E o que observamos é que cada uma dessas cinco histórias (representadas nesta outra escala por cinco marcos, um seguindo o outro), estão lidando com o problema do pecado. Esta é a nossa história.

Figura 1:



O que fazemos então é pegar o primeiro, e vemos que é uma história, não apenas um evento singular, porque tem um começo e um fim e uma sequência de eventos. Então o que percebemos é que quando olhamos para o segundo marco (vide Fig 2), esta outra história também tem um começo e um fim com três passos, e o que observamos é que existem pontos similares entre essas histórias. É o que chamamos de linha sobre linha. Vemos que a segunda história tem características similares com a primeira que chamamos de linha sobre linha e percebemos que isso ocorre não apenas nas duas primeiras, mas em todas as cinco. Então todas as cinco tem esse padrão em comum e o que precisamos fazer é combinar todos esses pontos, esses conceitos, de uma única forma, linha sobre linha, história sobre história.

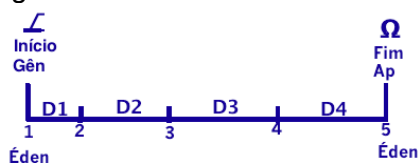
Figura 2:



Eu quero descrever isso de uma outra forma: repetir e ampliar. Podemos expressar de formas bem diferentes. Também podemos expressar através do conceito de dispensação ou de uma era a outra. Então nessa história (Fig 1) tínhamos cinco

marcos e quatro dispensações. Podemos ter a dispensação 1, 2, 3 e 4. Tem muitas formas de abordarmos esse problema e aí é que se torna complexo, se torna difícil discernir qual é o resultado correto e o incorreto. Se fosse tão simples nós não cometeríamos erros. No passado diríamos algo assim: temos quatro histórias, a história de Moisés, de Cristo, dos Mileritas e então a nossa história, a história dos 144 mil. E cada uma dessas histórias aponta para a nossa história e pode parecer bem simples, a este nível. Nós temos três exemplos com os quais nossa história se parece, a este nível tudo parece muito fácil. Você tem um começo e um fim. No início, com a ideia de tempo do fim, e no fim com o fechamento da porta da graça. Então podemos ver essas características em cada uma destas histórias. Agora tudo isto pode parecer bom o suficiente, mas a história não é assim tão clara, porque temos outro conceito, outra abordagem. Todas são baseadas em um mesmo princípio. E é este: vamos ver duas dispensações e eu vou chamar este evento de primeiro advento e a dispensação anterior é a dispensação do antigo Israel. Se este é o Israel Antigo, qual seria a próxima dispensação? Israel Moderno. Normalmente não usamos a expressão Israel Moderno, usamos Israel Espiritual, mas se você for usar espiritual, antiga já não é uma boa palavra. No passado não seríamos tão cuidadosos, iríamos de antigo para espiritual, mas agora estamos começando a ser mais precisos em nossa linguagem. Então vamos aplicar um conceito chamado justaposição. Pessoas diferentes entendem este princípio de forma diferente, mas eu gostaria de explicar de uma forma simples. Se você pensar em justaposição como o oposto, então se você falar alto você vai entender que o oposto disto é baixo, quente e frio, pesado e leve, então se você começar a pensar dessa forma, se usar a palavra espiritual (como meu irmão acabou de dizer), usará também literal. Então ainda vemos esse conceito de progressão, você vai do antigo para o moderno; mas o que queremos ver não é apenas uma linha de progressão, mas algo a mais. Você pode ver que diz Israel e Israel. Poderíamos dizer a igreja de Deus, isso também seria a igreja de Deus. Então podemos justapor os dois. Mostramos o contraste entre um e outro, mas também podemos ver as semelhanças. Vamos resumir: progressão 1, 2. Vai do antigo para o moderno. Você está seguindo em frente de forma progressiva, mas então você vê que se esse é o antigo ou literal então este se torna o espiritual ou moderno. Então agora o que você começa a fazer é contrastá-los ou justapor. Você pode não apenas contrastar mas comparar também. Você pode ver diferenças, mas pode ver semelhanças também. Então agora temos três conceitos:

Progressão 1



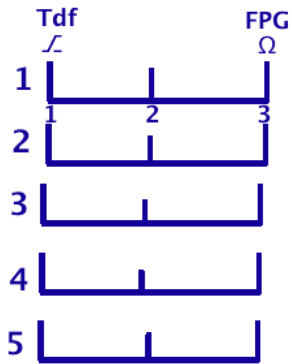
Progressão

"Tema"

Único

O segundo será dividido em duas partes e é aí que temos o terceiro.

O primeiro, progressão; o segundo será repetição e ampliação.



Is 28:10-13
 linha/linha
 história/história
 Repetir & Ampliar
 Mesmo

Quando você repete e amplia, algumas vezes você pode contrastar e ver diferenças ou as vezes você pode comparar e ver semelhanças. Agora, o conceito de comparar e contrastar não é tão simples assim como dizer que um parece similar e outro diferente. Mas o que deveríamos ser capazes de fazer quando olhamos para duas dispensações (que é uma progressão) é colocar isso de lado e procurar então por diferenças e semelhanças. Então existem duas coisas: progressão e repetir e ampliar. Quando você vê essa repetição e ampliação, às vezes você vê a mesma coisa ou então você pode ver contrastes. Essa parte é onde as pessoas começam a ficar confusas. Se podemos contrastar literal e espiritual, podemos dizer que eles são diferentes, mas o fato de compará-los para ver as diferenças, quer dizer que existe algum tipo de conexão e este é um ponto importante para entendermos. Deve haver um ponto de conexão. De alguma forma eles têm que ser a mesma coisa. Se eles não são, se não existe nenhum tipo de conexão entre eles, aí você não pode contrastá-los dessa forma. Então eu já dei alguns exemplos em apresentações anteriores sobre isso e acho que seria importante passarmos por isto de novo. Então isso é apenas uma foto, uma imagem de uma montanha. Então vamos tirar o horizonte, aí você não tem um ponto de referência agora, você só tem uma montanha. Então aqui está essa pessoa:



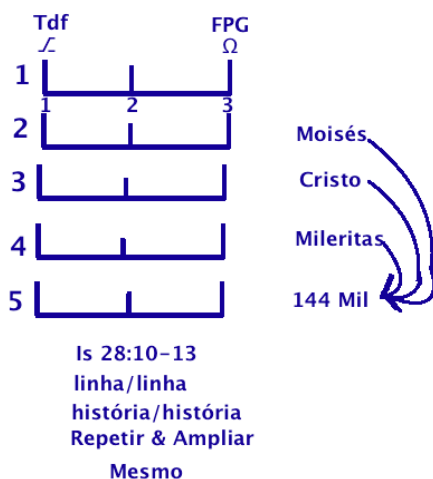
A pergunta é: Quem é mais alto? É óbvio que a pessoa é mais alta que a montanha. Agora, porque vivemos em um mundo real, tridimensional, se você visse essa foto você ficaria confuso, porque imediatamente o que que você faria? Você teria uma certa perspectiva, você sabe que se você colocar seu dedo polegar bem perto de sua face, perto de seu olho, seu dedo polegar será maior do que eu. Quanto mais você movimentar seu dedo para frente, para mais perto de mim, o que que vai acontecer? Seu dedo vai parecer menor. O que você está fazendo? Entrando no mundo de repetir e ampliar, ou comparar e contrastar. Você não pode comparar um ser humano com uma montanha, a menos que você faça isso de forma apropriada. A forma de fazer isso apropriadamente é colocar um ao lado do outro. Se fizermos

isso, se essa mulher se afasta de onde está a montanha, ela vai parecer dessa forma e aí você vai ver que a montanha é muito maior que ela. Se for comparar e contrastar as coisas, isso tem que ser feito no contexto correto. Se você não fizer da forma apropriada você cometerá erros. Agora em um exemplo assim pode parecer super fácil. Quando eu falo para você brincar com seu polegar isso é muito intuitivo, mas queremos começar a formalizar este conceito intuitivo e não somos muito bons nisso. Deixe-me falar desse modo, dói nossa cabeça, é difícil, é acadêmico, as pessoas são forçadas a pensar muito, porque não nos sentimos confortáveis tendemos a ignorar esses assuntos e esperamos que termine, acabe, mas o problema é que isso não vai acabar, porque agora no tempo de crise você é requerido entender como essas regras funcionam. Então quando você é confrontado com alguma informação, você pode acessar se aquilo que a pessoa está falando é verdade ou não, mas eu não estou falando em dizer a verdade como se a pessoa estivesse mentindo; falar a verdade de forma a ter um correto entendimento do assunto. Progressão, espero que a gente consiga ver isso. Pegamos cada um desses marcos, convertemos eles numa história, isto então é repetição e ampliação. Cada marco tem duas características: a primeira que é diferente da que veio antes e é diferente da que virá depois. Então a característica é que ele é único. Cada marco é único, mas cada marco é também o quê? o mesmo. Tem duas características: único e similar. Uma vez que vemos isso podemos falar o seguinte: 1989, que marco é esse? Então vamos ver esse modelo, 1989 é o tempo do fim? Não. Ele é único. Por que o tempo do fim foi 1798. Aqui, 1989 seria aqui (aponta para o quadro). TdF é número um e 1989 número dois. Então não é o tempo do fim. É um marco único. Este é o conceito um, portanto, os marcos são os mesmos; portanto 1989 também é o tempo do fim. Tem duas características. Mas porque não conseguimos ver isso, dizemos somente que é o tempo do fim. Ignoramos esse modelo. Se você vai à igreja, o que você vai fazer para persuadirlos? Que 1989 é o quê? O mesmo. Porque estamos focando em repetição e ampliação. Queremos dar um significado para 1989.

A partir daqui inicia o vídeo também:

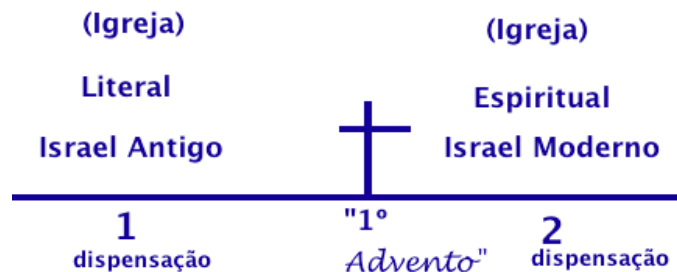
Um significado além dos eventos daquele ano. O que importa se o muro de Berlim caiu? Que diferença isto faz? É apenas um outro passo (mostra a linha de progressão). Isto a igreja pode enxergar. É um outro passo, mas eles não sabem como conectar com outras coisas. Então nós falamos que não é outro evento, é o mesmo evento. Damos os nossos argumentos e usamos todas essas histórias (mostra as histórias de linha sobre linha no quadro) para defender aquilo que estamos falando. Tudo isto é claro, evidente.

Figura 3:



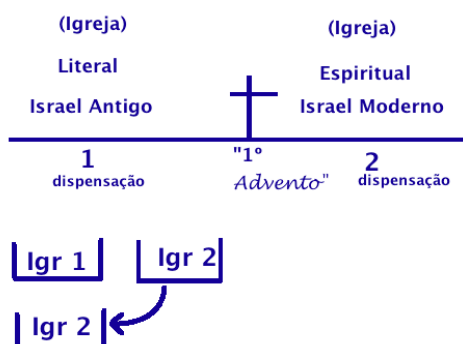
Mas aí o argumento começa a se tornar mais complexo. Vemos isso (mostra no quadro a figura 4): Duas dispensações: 1 e 2 .

Figura 4:



E o ponto de divisão é o primeiro advento que vai de um sistema para outro (mostra no quadro acima). Se este fosse o sistema judaico (mostra a primeira dispensação), que sistema seria o outro? Podemos ter algumas respostas diferentes. Podemos dizer o sistema dos gentios. Quem governa aqui (mostra na figura 4 a dispensação 1)? Os judeus. Eles têm seu próprio governo ou estado. Quem governa aqui (mostra na figura 4, a 2ª dispensação)? O Estado? Roma. Isto não é um acidente, isto é a vontade de Deus. Então podemos ver que tem várias formas de entender a relação entre esses dois. Estamos só olhando para a igreja, poderíamos olhar para o Estado, dependendo da história que queremos desenvolver. Então se isso é literal, aqui é espiritual. Podemos ver as diferenças. Para vermos as diferenças, temos que ter uma premissa de que deve haver algo que conecte os dois e neste contexto, qual que é o ponto de conexão entre os dois? (mostra no quadro a figura 4) Isto é a igreja e isto é a igreja (mostra a figura 4). Então eles têm uma conexão: igreja. E a razão pela qual isto se torna significativo é que se vemos o que está acontecendo nessa história (2ª dispensação), conseguimos ver o que está acontecendo na primeira história (1ª dispensação). Então o que eu fiz: peguei este modelo (mostra no quadro a figura 1). Você pode ver aqui a progressão (mostra no quadro a figura 4). Agora vamos fazer o quê? Vai para o segundo modelo (mostra a figura 3), que é repetir e ampliar. Então vamos cortar essa linha (mostra no quadro a figura 4) e aí você tem duas histórias (mostra no quadro figura 5):

Figura 5:

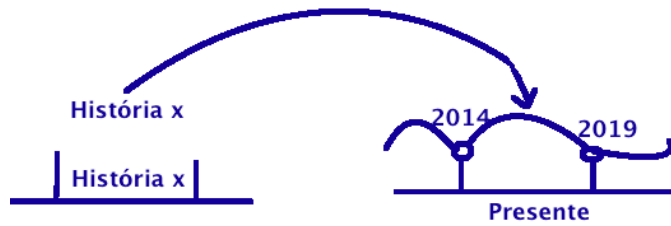


História um é a história da igreja 1. E aqui é a igreja dois e esses dois estão conectados. Quebramos esta conexão. A igreja 2 vem para baixo e agora temos o quê? Repetir e ampliar.

Fizemos a mesma coisa. Isso se torna poderoso. Na verdade este é o princípio que temos usado. Se você quiser entender a nossa história, a história dessa igreja espiritual ou Israel moderno você tem que voltar para o antigo Israel. E através dessa metodologia você pode fazer coisas importantes e poderosas. Essa é a metodologia de dispensação. Em outras palavras, é o ensino por parábolas.

Deixe-me explicar: podemos ver que um é literal e o outro espiritual? (mostra no quadro a figura 5). É fácil de ver. Se você for para I Cor 15:46....mas antes de lermos, eu gostaria que ficasse claro que eu vou ler este texto fora do contexto. Eu não sou a única pessoa que faz isso. O movimento faz isso muitas vezes neste verso e em outros versos também, mas às vezes, na verdade na maioria das vezes, a gente não percebe que está fazendo isso, tirando as coisas fora do contexto. Então vamos ler o verso: I Cor 15:46 "Mas não é primeiro o espiritual, senão o natural, depois o espiritual". Então aqui está falando da Ressurreição, do segundo Advento. Esse é o contexto. O que eu estou tirando daqui é um princípio: sempre vai ser dessa forma, você primeiro tem o natural e então o espiritual. Nós chamamos de literal aqui (no quadro mostra na figura 4). O que queremos dizer com isto é que a igreja é fundamentada em linhagem de sangue, laços familiares, é um movimento nacionalista que é baseado no relacionamento natural entre pais, filhos e netos; então eu poderia ter dito do natural para o espiritual, que é a forma com que a Bíblia coloca nesse verso. Então esse princípio de dispensação é a mesma coisa do que ir do natural para o espiritual e a razão pela qual isso é significativo é que se você vai para as parábolas de Cristo, uma forma clássica de entender as parábolas é pegar a natureza e então entender o espiritual. Eu quero ter certeza que vamos entender da forma correta. Deus não está interessado em nos ensinar sobre a natureza. Todo o propósito é entender o espiritual. Este é o objetivo de Deus. Mas não conseguimos entender o espiritual, então ele vai explicar o espiritual através do natural. É assim que as parábolas funcionam. Nós não queremos entender sobre o Israel antigo, não nos importamos muito, mas o que queremos entender é o espiritual. Só que para entender o espiritual precisamos entender o natural primeiro. E esta é uma definição clássica de parábola. Então, o que nós fizemos foi colocar toda a estrutura da metodologia desse movimento e agora estamos definindo em termos de parábolas. Quando esse refinamento começou a ser ensinado, primeiro as pessoas falaram que não tinham entendido. Eles não entendiam como isso poderia ser uma parábola, (mostra no quadro a figura 4) então eu tentava explicar porque que era. Aí todo mundo apoiou e entendeu isso, então foi visto como uma metodologia que unificava e explicava tudo. Vou fazer uma afirmação agora: eu acho que as evidências já estão começando a ser vistas que as pessoas que não estão de acordo com a posição desse movimento vão começar agora a atacar essa metodologia de ensino por parábolas; e a forma que elas vão atacar não é dizendo que está errado. Será limitar o quão longe as parábolas podem ir, o quanto a gente deve usar as parábolas. Você vai cada vez mais ver esse argumento e a razão que eles vão usar esse argumento é que se você começa a seguir o ensino por parábolas, ao chegar numa conclusão lógica, você verá então que aquilo que estamos ensinando é correto. E a forma de atacar aquilo que ensinamos é desacreditar o ensino por parábolas. E quando você faz isso o que acontece é: você pode fazer isso (mostra no quadro a figura 6):

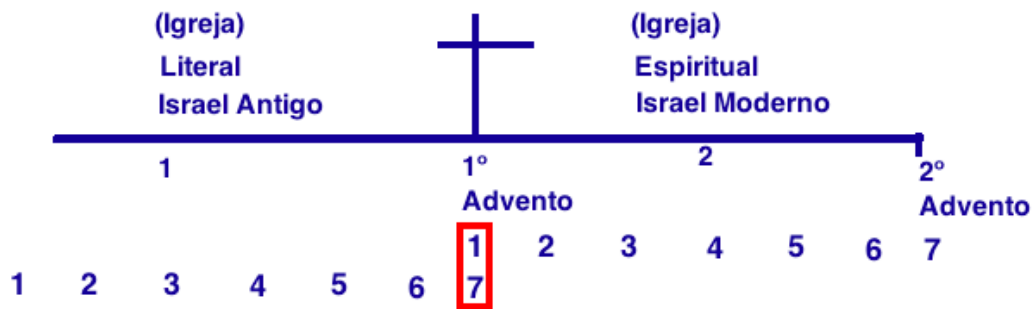
Figura 6:



Você pode pegar qualquer história e colocar onde você quiser. O ensino por parábolas não vai permitir que você faça isso, pois restringe e limita. Então a razão pela qual isso se torna importante, mesmo que pareça da mesma forma que esse (mostra no quadro figura 1), é que tem diferenças sutis que a gente pode perceber. É um refinamento. Antes de fazermos isso, só quero fazer aqui uma observação. Isso é algo que atrapalha um pouco as pessoas, preocupa as pessoas mesmo dentro desse movimento. No quadro mostra a figura 4: Israel moderno começou no primeiro advento e continua até o segundo advento.

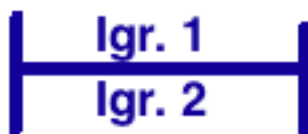
Mostra a figura 7:

Figura 7:



Nesta História, você pode ver a igreja de Deus ser representada em sete passos (isso aqui é Apocalipse 1 e 2): Éfeso (1), Esmirna (2), Pérgamo(3) até Laodicéia (7). Todos estamos familiarizados com isso. Estas sete experiências (mostra as sete igrejas na figura 7) ... Primeira coisa que eu gostaria que a gente visse é que começa com um Advento e termina com o Advento (mostra no quadro a figura 7). Isso é único ou igual? É igual. É 1 o mesmo que 7? (mostra no quadro a figura 7: 1=7) Não. Ele é único. Você pode ver o princípio já ali. A experiência de Éfeso e a experiência de Laodicéia será a mesma. Existe algo em comum entre elas, porque as duas existem na história do Advento. Mas elas são duas igrejas completamente diferentes (mostra no quadro a figura 7). A igreja que é gloriosa e formosa (1) e uma igreja que não é justa de nenhuma forma (7). Então existem diferenças grandes, mas as duas existem no mesmo tempo do Advento. Mostra a figura 7 no quadro: Então se a gente consegue ver aqui que é igreja (dispensação 1) e igreja (dispensação 2) e lembra que a gente fez isso? (figura 8 no quadro):

Figura 8:

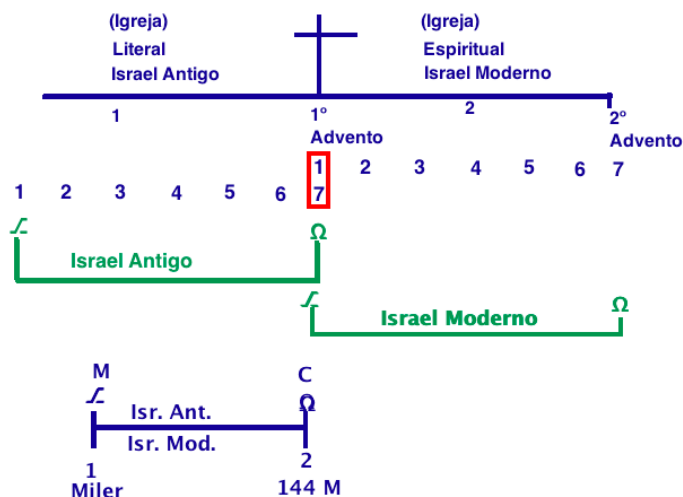


Igreja 1 / igreja 2: literal / espiritual.

Se aqui temos 7 (mostra no quadro a figura 7), quanto será que teríamos nessa primeira igreja? 7 também. Isso não é um pensamento novo. Na verdade, o que estamos fazendo com esse pensamento é que é novo. Como usamos este argumento para desenvolver o nosso entendimento do que está acontecendo hoje? A forma que a gente usa essa relação (aponta no quadro para a figura 7)... a forma que refinamos o nosso entendimento... você pode estar de acordo que ali é Advento e Advento. É o mesmo. A experiência de Éfeso e a experiência de Laodicéia. Igrejas diferentes. Elas vão experimentar o Advento ao mesmo tempo, da mesma forma. Mostra no quadro a figura 7 circulando o 1 e o 7 (1ª igreja do Israel moderno e 7ª igreja do Israel antigo, coincidindo): Podemos olhar bem aqui: Éfeso e Laodicéia, existindo ao mesmo tempo. Agora eu provavelmente já estou começando a causar confusão nas pessoas, porque estamos pegando uma história simples de progressão, uma história simples de repetir e ampliar e começando a explicar de formas diferentes. Você pode ver que a relação entre ambas não é tão clara. Então vimos como fizemos tudo isso. Vimos como pegamos o 1 e o 7 e porque aqui está se repetindo e ampliando (mostra no quadro a figura 8); podemos pegar 1 e 7 e colocar para o antigo Israel. Primeiro Advento, segundo Advento; 1 e 7, mas agora temos 1 e 7 coexistindo. Isso não é apenas brincar com números ou ideias. Isto se torna significativo para nós.

Então agora eu vou levar isso para um outro nível (Figura 9):

Figura 9:



Dispensação 1: alfa e ômega do Israel Antigo. Ficou claro? Então agora eu vou pegar esse outro e agora temos o alfa e o ômega do Israel Moderno. Podemos chamar de literal e espiritual. E a razão pela qual isto se torna significativo é que se alinharmos ambos, temos Israel antigo e Israel moderno, Alfa e Ômega. Se você vai por progressão, um e dois. Então o que eu quero que vejamos é que o início de Israel antigo e o início de Israel moderno é o mesmo. Estamos de acordo com isso? Então podemos ver que o fim do Israel antigo e o fim do Israel moderno é o mesmo. Tudo claro não é? Mas o que então normalmente faríamos? Qual o início de Israel antigo? Que história é essa? Você pode ver que está aqui? Então vou colocar M (Moisés) aqui. O fim de Israel antigo é o quê? Cristo. O começo de Israel moderno podemos fazer de formas diferentes, no contexto deste aqui. Mostra no quadro a figura 7. Começamos aqui no primeiro advento, mas poderíamos fazer igualmente como no início da história milerita e é o que frequentemente fazemos. Então vou colocar aqui os mileritas e vou colocar os 144 mil aqui (Fig 9). Isso se torna significativo porque o que falamos aqui (Fig 3), mostra que eles são todos iguais. É isto uma verdade completa? A resposta é não. Em um nível sim, mas em outro nível não. E se você não entende isso, se você não lida com esses dois (único/

iguais), chegará a conclusões erradas. Único. 1 não é 2, portanto, a história de Moisés e a história de Cristo são elas histórias iguais? Ou elas são diferentes? Únicas? Depende. Isso está completamente correto. Às vezes elas são semelhantes, mas às vezes elas são diferentes. Agora, quando começou este movimento, a Igreja dizia que tudo era único. E o que fazíamos? Reagíamos contra isso, a gente se opunha a isso. A igreja dizia que era único e o que falávamos? Que era o mesmo (igual). Então tínhamos uma posição forte de que era igual e não único. Guardem esse pensamento. Eu encontro dificuldade de falar sobre esse movimento e aquele movimento. O que acreditamos e o que FFA acredita. Acho que cada um de nós vai ter que encontrar algumas maneiras de falar isso. Eles já tem. Eles claramente falam que nós somos um movimento e eles são outro movimento. Então eu acho que cada um de nós vai ter que se tornar familiarizado em usar essa descrição. Então eu quero falar assim:

Aquele movimento, sua ênfase forte é sobre o quê? Que são iguais. A partir de 1989 o argumento forte era que começaríamos a usar linha sobre linha, mas eu gostaria que tivéssemos um equilíbrio; se eles estão colocando como igual o que você acha que nós vamos fazer, reagindo a isso? Vamos começar a falar de coisas sendo únicas. Todas são o mesmo e o que agora estamos falando? Que a história de Moisés é a mesma história de Cristo? São elas as mesmas? Não. Elas não são as mesmas histórias. Elas são unicamente diferentes. Então: a posição da conferência (única) e a posição do FFA (mesma, igual). Eu quero ser claro, quando eu falo FFA aqui eu me refiro a todos nós. Eu creio que isso é verdade também, mas hoje o FFA ainda está se baseando, se apegando a isto (mostra no quadro a palavra igual, mesma) e agora nós estamos falando isto (mostra a palavra único no quadro). Mas eu gostaria que tivéssemos equilíbrio. Precisamos ter os dois. Não podemos ter um extremo ou outro. Conferência: progressão (mostra a palavra único). FFA: Repetir e ampliar (mostra a palavra mesmo). O ponto de equilíbrio está no meio. Então a razão pela qual isso se torna significativo, de nós estarmos enfatizando esta ideia de ser único ou diferente é porque o que queremos ver é que a linha de Moisés e a linha de Cristo não são as mesmas, portanto a história dos mileritas é a mesma que a nossa história? Não. Existem diferenças importantes e a menos que você veja isto, você será levado a cometer erros. A forma como expressamos é a seguinte: a história de Cristo, o primeiro advento, foi uma história de sucesso? Definitivamente sim. Depende a quem você pergunta. Pela perspectiva dos discípulos foi uma falha, mas pela perspectiva do céu foi um sucesso. Então, nessa história aqui (de Cristo), vou colocar uma marca: linha de sucesso. Mas se você vai para Moisés, esta foi uma história de fracasso, em diversas formas.

Vamos para alguns versos bíblicos:

Gálatas 4:21 Eu tenho passado por esses versos de forma mais detalhada em outra apresentação, por isso não vou entrar em detalhes agora, mas o que eu quero falar é que o verso 24, falando sobre as esposas de Abraão e seus filhos, diz que essas histórias são alegorias, parábolas; suas duas esposas são parábolas (Gálatas 4:24). Então, ele começa a desenvolver o argumento de que as duas esposas e os dois filhos são símbolos de duas alianças. Uma das alianças é a antiga e a outra é a nova. Então você sabe do literal que uma esposa era escrava e a outra era livre. Isso é uma alegoria de duas alianças, alegoria da escravidão e a outra da liberdade. Se eu não fosse usar a palavra escravidão, mas usasse fracasso; se não fosse usar a palavra livre, mas usasse sucesso, então você teria uma aliança de fracasso e uma aliança de sucesso. Vamos ver o que o verso 24 fala: "O que se entende por alegoria; porque estas são as duas alianças; uma, do monte Sinai, gerando *filhos* para a servidão que é a Agar". Sinai é a aliança do fracasso, aliança da escravidão. A primeira parte do verso 25: esta Agar, a mulher escrava é igual ao Monte Sinai, que é a aliança da escravidão. Vamos a outro verso bíblico: Hebreus 8: 9-10. Eu vou falar do verso 8 a 10, mas vou parafrasear: existe uma primeira aliança que é um problema, então haverá outra aliança para reparar este problema. A primeira é ruim

e a segunda é boa. Falha e sucesso. Esta primeira aliança de fracasso onde está? Verso 9 te fala que é durante o dia em que Deus tirou Israel do Egito. Quando que eles saíram do Egito? Com Moisés. Então a história de Moisés... vamos colocar aqui duas testemunhas (olhamos para Gálatas e agora estamos olhando Hebreus): é a história do fracasso. A história de Cristo, podemos ir em versos bíblicos... é uma história de sucesso. Os mileritas é uma história de fracasso e a nossa história é uma história de sucesso. E se você não levar isso em consideração, que são diferentes, se você apenas colocar dessa forma, que eles são iguais, você fará hoje aplicações erradas e esta é a raiz, este é o fundamento da sacudidura que estamos passando hoje. Como lidamos com progressão? Como lidamos com repetir e ampliar? Como lidamos com Israel literal e espiritual? Quando vemos que o começo e o fim do Israel antigo paralela o início e o fim do Israel moderno. Mas o começo de cada dispensação é fracasso e o final é sucesso. A maneira como consideramos essa questão vai determinar qual o movimento que vamos querer tomar parte. Apesar das acusações contra nós, estamos sendo verdadeiros com a metodologia de linha sobre linha, mas não estamos indo ao extremo, porque também estamos considerando a linha de progressão e quando você coloca isso junto, igual (mesmo) e diferente (único), você não pode ir para a história de Moisés ou para a história dos mileritas e usar estas histórias para explicar tudo o que está acontecendo hoje. E se você vai para estas histórias e as aplica hoje desta forma (aponta para Fig. 3 no quadro), e você pode fazer isso, você tem que ser extremamente cuidadoso. Ao considerarmos essas coisas e revisar o passado, cada um de nós tem que ter cuidado. A menos que você esteja bem informado, você será levado a uma direção que será errada. É muito fácil ser desviado. Não falo isso de uma forma deliberada, voluntária. Pessoas, professores não entendem completamente estes conceitos e se você não entende o conceito você está propenso a cometer erros nos seus ensinamentos, nas suas aulas. Ao considerarmos essas coisas, tanto nas apresentações que estamos fazendo como também com as do FFA, cada um deve ter cuidado para que consiga entender quem está com a verdade e quem não está, quem atualmente fala através de Deus e quem não. Vamos orar:

“ Pai Celestial nós te agradecemos pela sua bondade, nós oramos para que o Senhor nos abençoe. Nos ajude a entender esses princípios fundamentais para que a gente não cometa erros ao começarmos a fazer aplicações na nossa própria história. Nós oramos por bençãos, em nome de Jesus, Amém!